Jerusa Pires-Ferreira

Livros de magia

No mundo da edição popular que persiste em nosso continente, universo contíguo à moderna e profusa edição de massas -- construção do que denominei de cultura das bordas -- nota-se que os antigos livros de magia continuam a ter um papel muito forte. Continuam sendo publicados, por editores populares, os *livros de sonhos*, numa gradação infinita, os de *São Cipriano* e os da *Bruxa de Évora*, da *Cruz de Caravaca*, ou *As Clavículas de Salomão*. Alguns deles terminam se aglutinando, formando uma espécie de colagem que nos leva a pensar num grande texto mágico que permeia o mundo das práticas e crenças populares. Estes livros são egressos de uma espécie de fundo de antigos saberes mágicos, heréticos ou recalcados que podem tomar novos rumos, a qualquer momento que uma compatibilidade os requisite.

Temos de entender, de um lado, a "tramóia", presente nas edições populares, toda a aturdidora fragmentação, mas também observar que comparece nesses textos um acervo de formulações, que têm agora a ver com as religiões populares das massas urbanas, na América de origem ibérica. Constatamos que esses conjuntos ainda respondem pela permanência de um repertório da tradição popular dos causos e dos contos, de uma oralidade que ainda se faz presente, e com muita força, em nossos âmbitos populares, de uma visualidade que traz dentro de amplo processo mistificatório os ícones mais diversos: figuras, segmentos de imagem, fragmentos de geometria e números mágicos. Difícil será dizer onde tudo começou, o que existe de falso ou verdadeiro, de "imposto" ou de recuperado.

A este respeito, as observações de Paolo Carile[1] combinam exatamente com as minhas, e ele, de certo modo, responde às críticas que se possam fazer ao fato de não pensar a Bibliothèque Bleue, a literatura francesa de *colportage*, como coisa imposta. Comenta que o livreto de *colportage* fornece uma cultura aceita, dirigida, assimilada, durante séculos, pelos meios populares.

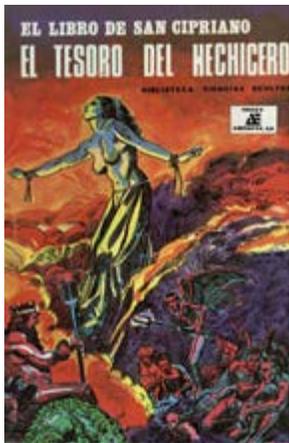
O livro vermelho e negro de

Em meu estudo sobre o *Livro de São Cipriano* (apesar de minha intolerância pelas vogas esotéricas que a industria de massas produz e que se consome desenfreadamente, hoje), apresento uma jornada por esse universo do livro popular. Procuro então mostrar a permanência dessa espécie de colagem viva que se assenta num contínuo mediúnico (recepção e demanda no universo das religiões populares no Brasil) e num continuum textual (operação criativa e aglutinadora).

Quando se sai a campo para pesquisar ou recolher exemplares de livros como estes de *São Cipriano* ou *As Clavículas de Salomão*, algumas dificuldades muito sérias ocorrem. São livros de magia, trazendo sua carga de

São Cipriano

maldição e interdição e, mais ainda, livros populares. Com essas características, têm sua produção, circulação e consumo regulados por certos princípios e tabus.

Nos sebos ou alfarrábios, espécimes antigos não são encontrados, senão muito rara e ocasionalmente, porque quem os teve ou tem não os passa adiante, sendo considerada uma violação vendê-los ou descartá-los. Quanto a bibliotecas públicas, há dois tipos de impedimento. Ou o livro pertence àquele estrato cultural que não merece a necessária credibilidade para figurar no fundo geral de leitura de uma biblioteca municipal, estadual ou nacional, e não se adquiriu para compor o acervo ou se, por acaso, foi adquirido, corre o risco de ser roubado.

El libro de San Cipriano

No caso do uso de tais livros, o leitor ou consulente segue suas lições como as de um acreditado mestre, exercita uma espécie de "psicoterapia" como se estivesse num consultório, aproveitando também suas sugestões, para conquistar e prender um homem ou mulher. As fórmulas e conselhos, que às vezes nos parecem ridículos, canhestros, arcaicos, conservadores, imobilistas e imobilizantes nos processos da emancipação social, têm, no entanto, muito a ver com as razões cotidianas dos grupos sociais e das pessoas que utilizam esses textos. Compõe-se aí também uma espécie de espaço secreto da leitura: da utilidade ao fetiche.

Quanto ã construção dos textos, o próprio objeto é que vai em busca de tudo o que poderá explicá-lo, signos verbais ou visuais, símbolos e marcas, produção de uma narratologia que aproxima linguagens arcaicas a procedimentos que o mundo popular obteve e resguardou, e que se ajusta e transforma, continuamente, a diversas formas de ver e de dizer, no mundo popular contíguo ao da cultura de massas.

O levantamento feito não é nem poderá ser exaustivo, funcionando como uma amostra do que foi possível encontrar até agora. Aparecem surpresas a cada momento: um título recriado, um simplesmente transcrito, a partir do texto de outra editora ou mesmo "maquilado", modificado em pequenos detalhes, para dar a impressão de um outro livro.

Estes conjuntos parecem atender a diferentes segmentos, dentro do público-alvo. É uma espécie de resposta a diversas solicitações de grupos que têm diferentes graus culturais e aquisitivos. Põe-se ênfase especial em determinados aspectos do conjunto, e isso significa atingir vários tipos de leitor ou até mesmo o "leitor fiel", consumidor habitual desse tipo de produto, em diferentes momentos de sua trajetória, e de acordo com suas necessidades.

A partir destes textos, de cada um deles, vão se acompanhando as possibilidades escolhidas e ricas de sugestões que trazem . Impossível deslindar cada fragmento, frase ou símbolo. A seqüencia dos próprios escritos vai ditando a escolha dos mais importantes, as entrelinhas vão revelando pistas e temas, por onde enveredar na explicação do possível, mas o mistério permanece. Mistério de um tema como este, tão complexo, de repertório infinito, de alcance enciclopédico, encampado na

produção editorial, com todos os recursos possíveis, e visando a públicos cada vez maiores.

Os antigos livros chamados *engrimanços* têm o caráter da ciência mágica e um conjunto de propostas concretas para atuação, em que a invisibilidade é um dos temas centrais. Espera-se, por esses significados que o mago aja como um taumaturgo, e este poder é conferido ao livro ou a quem o traz, procurando nele aprender lições, as mais secretas.

O livro negro de
S. Cipriano

Uma firme sustentação desses textos seria também o "pacto" com o diabo, entrando nos engrimanços ou grimórios todos os detalhes e procedimentos para a formulação do pacto. Um *grimório* implica em ação e aí não se trata de rezar e de esperar, mas está em causa toda a eficácia dos ritos; concede-se também o poder de exorcizar e de instrumentar. Neles encontramos sempre e explicitamente referências à cabala e à tradição judaica, misturando-se à magia um apelo a escrituras indecifráveis. Estão aí contidos princípios de "diabolismo", materiais recolhidos a partir de toda uma tradição da Teufelliteratur, e como seria de se esperar, há nos novos grimórios a evocação das narrativas célebres e lendárias de Johannes Faust.

Observa-se então a estreita ligação desses textos, apoiados no ofício e na operação mágica, com a *Igreja*. O autor de um desses compêndios pede mesmo que se preste atenção ao sentido profundamente religioso desses textos e ao fato de serem eles atribuídos a santos ou a papas. Entre os mais famosos grimórios existentes estão, por unanimidade: *As Clavículas de Salomão* (presente em nosso conjunto de edição popular, hoje), *O Grimório do Papa Honório*, *O Enchiridion do Papa Leão*, *Os segredos do Grande e do Pequeno Alberto*, que tanto circularam nas edições francesas.

A preferência por papas é também uma questão de legitimar a magia por personagens poderosos, sendo os mais visados Santo Leão,o Grande, e Silvestre II, qualificados de grandes mágicos. Haveria mesmo uma efetiva cisão entre a Igreja e a Magia? E será que o clero mantinha-se afastado do encanto, mistério, perplexidade e divertimento desses grimórios?

Conforme nos lembra Geneviève Bollème[2], esses opúsculos faziam a alegria e descontração dos conventos. O ambulante, *o colporteur*, o trazia com sua mercadoria e, desde sua partida, se ensaiavam as receitas da felicidade: "Se o padre promete a felicidade para o outro mundo, não nos resta mais do que bem morrer". O livrinho mágico, ao contrário, sugerindo o pacto e várias operações mágicas e transformadoras, apresenta "receitas para bem viver", promessas a se cumprirem em países de fartura e de abundância, alvo das utopias populares.

Estudando a *Coena Cypriani*, sugere Bakhtin[3] que é muito significativo o seu universalismo histórico e que seus traços se encontram em grandiosa obra do século XVI, que trata do banquete.

E é exatamente neste mundo em que o mágico prático e os ritos diabólicos oferecem certezas de uma vida melhor que circulavam e ainda circulam os grimórios, os engrimanços, os enchiridions...sob novas roupagens.

AS CLAVÍCULAS DE SALOMÃO E A CHAVE DOS MAGOS

Este rei, ao qual Deus teria dado a sabedoria, tem todo um poder sobre o mundo e em particular sobre os demônios da tradição popular. Atribui-se a ele a redação desse famoso livro das clavículas, sem o qual não se poderiam invocar os demônios. É a *Chave dos Magos*. Numa editora popular brasileira que tem muitos títulos do *Livro de São Cipriano* encontram-se edições de *O Verdadeiro Livro de São Cipriano de Salomão*,? que possuo na sexta edição e que, segundo aí se diz, é publicado em razão de intensas solicitações: "Os constantes pedidos que temos recebido de todos os pontos do país e do mundo são a prova mais evidente de que o mesmo é conhecido e apreciado por todos".

Quanto a Salomão, aí conta o autor-editor, para os seus leitores, que existem dois personagens, que não devem ser confundidos, a saber, Salomão, o rei dos hebreus, e o sábio Salomão, mago da Caldéia, divisão curiosa. Esta introdução tem a finalidade de explicar a diferença que existe entre Salomão, o rei dos hebreus, e o Sábio Salomão, o mago da Caldéia, sendo que este texto fica sendo como do segundo. No entanto, a tradição corrente passa para todos, em lendas, rituais e disputas de sabedoria, a figura do rei Salomão.

Num estudo que compõe uma trilogia, nos diz E. M. Butler[4] que em 1456 aparece, num panfleto de advertência ao duque de Borgonha, uma listagem que apresenta as *Clavículas* e o *Sigilum de Salomão* como as obras de nigromancia mais correntes naquele tempo, sendo que a primeira ocupou o lugar de honra nas mentes dos praticantes de magia, do século XIV em diante, havendo inúmeras versões de muitos manuscritos existentes.

Ao longo dos séculos, teria havido uma verdadeira indústria de forjar manuscritos, sendo que as *Clavículas* vão incluindo também as *Conjurações*. Butler afirma que os grimoires franceses, muitas vezes provenientes da Itália, são firmemente baseados nelas. Aponta-nos o *Grimorium Verum* como dos mais aprovados e o *Grand Grimoire* para a descoberta de tesouros escondidos. Acrescenta que, mesmo em suas versões abreviadas, estéticas e espirituais, foram prolíficas ao extremo e tiveram um enorme prestígio, principalmente nos países latinos.

Para Eliphas Lévi[5] , segundo a tradição popular, o possuidor das *Clavículas de Salomão* podia conversar com espíritos de toda espécie e se fazer obedecer por todos os poderes naturais: "Estas Clavículas, várias vezes perdidas e depois reencontradas, não são outra coisa que os talismãs dos 72 nomes e os mistérios das 32 vias (Cabala), hieroglificamente reproduzidas do Tarô. Com a ajuda desses signos e por meio de suas combinações infinitas, como a dos números e das letras, pode-se com efeito chegar à revelação natural e matemática de todos os segredos da natureza e entrar em comunicação com toda a hierarquia das inteligências e gênios".

Note-se que há, neste mundo mistificador da edição popular, informações e soluções que nos são passadas, permanecendo porém algo de fundamental: a

preservação de conhecimentos que não se perderam e que se apresentam ou reapresentam contendo fabulações e delírios inventivos.

Também Menéndez y Pelayo[6] cita *As Clavículas de Salomão* como um célebre tratado de invocação de demônios, muito corrente na Espanha: "Sobre este livro discorre assim o doutíssimo bispo de Segóvia, D. Juan Baptista Perez, em memorável parecer, escrito em 1595: 'Os nigromânticos têm um certo livro de conjuros com caracteres incógnitos, o qual chamam de *Clavicula Salomonis* e que está proibido em todos os *Catálogos da Inquisição*, e os mágicos fingem que o escreveu SalomãoÕ. No *Malleus Maleficarum*, o inquisidor diz que os nigromânticos usam um livro que chamam de *Salomão*, escrito em língua arábica, e que o achou Virgílio numa cadeia de montanhas da Arábia".

Atesta-se que o livro circulou com força no século XVI e que continha certas figuras e orações que deviam ser recitadas nos sete primeiros dias de Lua nova, ao apontar o sol pela manhã, e que o homem, observando esses rituais, se acharia, de súbito, cheio de ciência.

Não podemos deixar de mencionar a ancoragem de livros como este e o de *São Cipriano*, por exemplo, nos atos de mártires, vidas de santos e outros compêndios e coleções religiosas.

A *Legenda Áurea* ou *Legenda Dourada* é uma recolha de vidas de santos, escrita, a partir de uma tradição do relato popular e do martirológio cristão, pelo monge dominicano e arcebispo de Gênova, Jacopo da Voragine, por volta de 1300. Foi um texto que teve incontáveis edições, publicado em inglês em 1483 como *Golden Legend* e na França como *Legende Dorée*, contando com inúmeras adaptações, ampliações, numa rede muito profusa de textos. Se não há narrativa inocente, aquela sobre santos é a menos inocente ainda. Comprova-se que as recolhas hagiográficas representavam uma das malhas da prodigiosa rede de vulgarização dominicana, estendida por vários autores no começo do século XIII, tendo o texto da *Legenda* merecido acolhida imediata. Constata-se que seu autor, Voragine[7] ou Varagine, entrou para a Ordem de São Domingos e foi provincial da Lombardia pelo espaço de dezoito anos, tendo feito sua celebridade a partir do texto que era originalmente em latim: *Historia Lombardica Sanctorum*. Daí viria o sucesso e a difusão. Mil manuscritos conservados, setenta e oitenta edições antes de 1500: dos séculos XII a XV, por exemplo, contaram-se sete versões francesas, sendo inumeráveis as traduções, adaptações e versões ampliadas.

Todo este mencionado universo comparece no *Flos Sanctorum*, que é o texto-base para o mundo luso-brasileiro na difusão da legenda e *São Cipriano*. É um livro muito popular no sertão. Câmara Cascudo, em seus estudos sobre a Literatura Oral, nos fala da presença atuante desse conjunto de narrativas na tradição popular nordestina. Trata-se de uma recolha de vidas de santos de acordo com suas datas, estabelecidas pela Igreja, e que teve sucessivas edições. Tudo isto é usado sempre na produção dos livros de São Cipriano, ora como texto, ora como menção obrigatória, dizendo-se : extraído do Flos ou Flor Sanctorum.

Tive em mãos duas edições muito antigas. A primeira delas preparada pelo padre Pedro de Ribadeneyra, religioso da Companhia de Jesus, traduzida da língua castelhana (sic) e que traz no segundo volume a história de *São Cipriano*. Quanto a [8]

Pedro de Ribadeneyra , trata-se de um autor ascético espanhol e "magnífico prosista". Nasceu em 1526, em Toledo, morrendo em 1611 em Madri. Entrou na Companhia de Jesus, sendo o discípulo predileto de santo Inácio de Loyola, e em 1542 foi enviado a Paris para completar seus estudos.

Menciona-se entre as obras ascético-morais do autor o *Libro de las Vidas de los Santos* (Madri, 1599 e 1601) em duas partes, e que tudo indica seja o *Flos Sanctorum*.

Vai-se percebendo como o núcleo narrativo de um livro como o de *São Cipriano* se engasta na tradição de vida de santos, da *Legenda Dourada* ao *Flos Sanctorum*, e que o eixo principal dessa narrativa se constrói em torno das idéias de *martírio e conversão*.

Essas recolhas são tão oficiais no mundo ibérico que, entre as condenações impostas a "hereges" pelo Santo Ofício, está a obrigação, como indulgência, de ler diariamente o *Flos Sanctorum*. Ora, estes textos de pleno reconhecimento popular contêm ingredientes daquilo que se apontava como heresia, como é o caso de nossa história de São Cipriano, artes mágicas, pacto com o demo etc. Assim se remetia diretamente às heterodoxias difusas, aos aspectos mágicos pré-cristãos, e usava-se para combatê-los, curiosa e sutil ironia, o veneno do próprio corpo.

Levemos em conta uma época, que revive agora e traz a voga de certos fenômenos, como, por exemplo, a proliferação de textos ligados ao ocultismo. O "culto" e o "popular" se aproximam, e creio que os séculos XVIII e XIX na Europa foram a grande sementeira desse convívio, que resultaria na produção de livros populares e semipopulares.

A moda do ocultismo, por exemplo, teria sido reforçada pelas obras de um seminarista francês, Alphonse Louis Constant, nascido em 1810 e conhecido como Eliphas Lévi. Segundo Mircea Eliade[9], ele seria o responsável pela criação do termo "ocultismo". Teria tido grande influência sobre a sua obra a leitura da *Kabala Denudata* de Christian Rosenroth, assim como as obras de Jacob Boheme, de Swedenborg, de Louis Claude de Saint-Martin (o filólogo desconhecido) e outros teósofos do século XVIII. Seus livros *Dogma e Ritual da Alta Magia*, *A História da Magia* e a *Chave dos Grandes Mistérios* conheceram um enorme sucesso.

Os neo-ocultistas da geração seguinte fizeram grande conta de Eliphas Lévi, e o mais notável de seus discípulos, doutor Encausse, escrevia sob o pseudônimo de Papus[10], tão presente em publicações nossas de hoje, da Editora Pensamento, no Brasil, por exemplo.

Quando se está diante do conjunto aparentemente heteróclito e desarrazoado do *Livro de São Cipriano*, é preciso lembrar que nada daquilo foi simplesmente inventado. Não se trata de uma pura e simples forjação de temas, ao contrário, tudo tem aí sua profunda razão de ser. Neste "composto", para além de todas as "mancias", tem muita importância a astrologia, em todas as suas formas. Comparecem os tratados de ciência medieval, da mais diversa proveniência, as anatomias que obedecem a critérios próprios e mágicos, e ainda todos os repertórios de augúrios e adivinhações, as formas próprias para fazê-los, desde o uso de vísceras até o pó de café.

Descrevendo o repertório destes livros, fala-nos ainda Pelayo de um caderno de "ligações e desligaduras" e das obras de Henrique Villena, entre as quais se encontra um tratado de *Aojamiento* ou *Fascinologia*, dirigido em forma de carta a Juan Fernandes Valera.

A chamada "alta magia" foi incorporando conhecimentos astronômicos e astrológicos, inclusive técnicas de adivinhação. A astrologia judiciária foi se confundindo com a magia cerimonial. Foi ocorrendo a incorporação da medicina, a luta contra a doença e contra a morte, a instituição de preces e de sacrifícios, noções provenientes da cabala hebraica, do simbolismo dos alquimistas etc. Já a chamada "baixa magia" faz menção a poderes infernais, aos demônios, aos espíritos maus, sendo que a força dos talismãs e amuletos é princípio de todas as práticas mágicas.

Tudo isso, em seu complexo trânsito, vai se aglutinando e transmitindo nesses "compostos" que vão sendo editados, continuamente, e que têm o seu espaço em nossos meios populares. Localizá-los e desvendá-los será sempre um desafio que poderá trazer-nos o que nem somos capazes de suspeitar.

Sobre o corpus

Em O *Livro de São Cipriano: uma Legenda de Massas*.São Paulo, Ed. Perspectiva,1993, apresento uma extensa bibliografia, que inclui indicações de um corpus desses livros e todas as indicações bibliográficas contidas neste artigo.

Aí remeto a uma grande quantidade de livros de São Cipriano editados no Brasil e no México. Também para outros títulos conexos como :

El Libro Infernal, Tratado Completo de las Ciencias Ocultas... (nova edição ilustrada, s.d., 432 pp.).

O Legítimo e Único Livro do Boi da Cara Preta; Livro do Touro Negro ou a Cara Negra (Rio de Janeiro, s.d., 228 pp.) e índice (Série São Cipriano). Note-se que não traz indicação de editora e diz-se trasladado em língua portuguesa e atualizado por Sirih Bakkatuyu, natural de Goa e Cavaleiro da Ordem de Belém (!).

O Breviário de Nostradamus (São Paulo, Editora do Brasil, 1964, 231 pp.).

O Verdadeiro Livro das Clavículas de Salomão (6a ed., Rio de Janeiro, Espiritualista, s.d., 104 pp.).

O Livro Completo das Bruxas, por Schoked (São Paulo, Publicações Brasil, 239 pp.). Refere-se a direitos autorais e de tradução devidos ao Instituto Internacional de Ciências Ocultas do México.

O Legítimo Livro da Cruz de Caravaca (Rio de Janeiro, Didática e Científica, s.d., 127 pp.). *Los Grandes Secretos de Alberto el Grande* (México, Nueva Xochitl, s.d., 207pp.).

Notes:

1 Cf. Paolo Carile, "Frammenti di un Discorso Storico-Antropologico sulla Bibliotèque Bleue nel Seicento". In: La Bibliothèque Bleue *nel Seicento; o della Letteratura per il popolo*, com prefácio de Geneviève Bollème. Bari-Paris, Adriatica-Nizet, 1981, pp.67-90.

2 Cf.Ver nota 1.

3 Cf. Mikhail Bakhtine, *La Cultura Popular en la Edad Media y en el Renacimiento*; el contexto de François Rabelais, Barcelona, Ed. Seix Barral, 1974.

4 Cf. E.M. Butler, *The Myth of the Magus*, Cambridge, Cambridge University Press, 1948.

5 Cf. Eliphas Lévi, *Histoire de la Magie*, Paris, Ed. de la Masnie, 1986.

6 Cf. M. Menéndez y Pelayo, *Historia de los Heterodoxos Españoles*, Buenos Aires, Emecé, 19, t. III e V.

7 Cf. Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, cronologia e intridução de Pe. Hervé Savon, Paris, Garnier-Flammarion, 1967, 2 vols.

8 Cf. Pedro de Ribadeneyra, "Confessiones, epistolae aliaque scripta inédita", In: *Monumenta Historica Societá Jesu*, 1920, fasc. 306, 318.

9 Cf. Mircea Eliade, *Occultisme, Sorcellerie et Modes Culturelles*, Paris, Gallimard, 1978.

10 Cf. Papus, *Tratado Elementar de Magia Prática*, São Paulo, Pensamento, s.d.